

EDUCAR A QUEM? A VISÃO ANTROPOLÓGICA COMO ELEMENTO SUBJACENTE AO ATO EDUCATIVO NA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Bruno Fleck da Silva¹

Resumo: Pensar a Pedagogia como ciência pressupõe a consideração de elementos teóricos e indicativos de orientação prática aos educadores, entretanto, a própria Pedagogia na variação de inúmeras perspectivas orientadoras carece de uma precisa visão antropológica. A dificuldade em uma compreensão ontológica que defina o que é o sujeito humano e quais os seus possíveis parece ser indispensável para que se possa elucidar qualquer pressuposto formativo. Para superar tal problemática, apresentamos a visão antropológica subjacente ao ato educativo na Pedagogia Ontopsicológica de Antonio Meneghetti que assume sua visão e ação a partir do fato base de que cada indivíduo é uma individuação e a partir de sua individuação é que deve ser educado.

Palavras-chave: educação; Pedagogia Ontopsicológica; crise das ciências; Em Si ôntico.

Educating whom? The anthropological perspective as an underlying element in the educational act within Ontopsychological Pedagogy

Abstract: Thinking about Pedagogy as a science presupposes the consideration of theoretical elements and indicators of practical guidance for educators; however, Pedagogy itself, in the variation of numerous guiding perspectives, lacks a precise anthropological vision. The difficulty in an ontological understanding that defines what the human subject is and what its possibilities are seems indispensable for elucidating any formative presupposition. To overcome this problem, we present the anthropological vision underlying the educational act in Antonio Meneghetti's Ontopsychological Pedagogy, which assumes its vision and action from the basic fact that each individual is an individuation and it is from this individuation that they should be educated.

Keywords: education; Ontopsychological Pedagogy; crisis of the sciences; Ontic In Sé.

¿Educar a quién? La perspectiva antropológica como elemento subyacente del acto educativo en la Pedagogía Ontopsicológica

Resumen: Pensar en la Pedagogía como ciencia presupone la consideración de elementos teóricos e indicadores de orientación práctica para educadores; sin embargo, la Pedagogía misma, en la variación de numerosas perspectivas orientadoras, carece de una visión antropológica precisa. La dificultad de una comprensión ontológica que defina qué es el sujeto humano y cuáles son sus posibilidades parece indispensable para dilucidar cualquier presupuesto formativo. Para superar este problema, presentamos la visión antropológica que subyace al acto educativo en la Pedagogía Ontopsicológica de Antonio Meneghetti, que asume su visión y acción desde el hecho básico de que cada individuo es una individuação y es a partir de esta individuação que debe ser educado.

Palabras clave: educación; Pedagogía Ontopsicológica; crisis de las ciencias; In Sé ontico.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com Pós-Doutorado em andamento em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com

É a partir do conceito grego de *paideia* que o ideal de Educação assume uma posição determinante para a cultura que irá caracterizar o homem ocidental. Naturalmente que toda comunidade humana manifesta um ideal educativo a partir da cultura e do tempo que vive. Entretanto, o legado ocidental de um educação a partir da *paideia* encontra no conceito grego de areté, isto é, de virtude, uma perspectiva singular, que ao propor o quanto deve ser educado, revela capacidades específicas do humano e portanto, uma visão precisa de homem.

A visão de homem presente no ideal grego de virtude é a de que este, a partir do quanto é específico das faculdades de sua alma, intelecto e vontade, pode agir sobre sua própria natureza, potencializando-a em direção ao que intenciona ser (Jager, 2013), num ideal aristocrata. Ainda mais, vale recordar que virtude, em sua derivação latina, etimologicamente advém de *virtus*, que é a semente. Justamente, a virtude aparece no contexto da educação grega como um exercício próprio da alma, uma vez que esta se encontra na tensão entre a própria natureza virtual, a identidade, a sua completude histórica, a dimensão ato.

No ideal aristocrata de educação encontramos a contínua vinculação entre os elementos presentes nos deuses e heróis gregos que poderiam ser motivacionais ao quanto presente na capacidade humana de fazer-se mais. Diferente de uma referência mítica que exclua a própria posição do humano, os referenciais mitológicos gregos atestam potencialidades presentes também no homem e, por isso, é que os valores aristocratas serão fortemente incluídos nas posições do humanismo ocidental, seja ela

clássico, bem como histórico, renascentista e perene.

Tal visão de educação edificou possibilidades que eram todas delimitadas a partir do quando se via acerca da natureza humana, o homem, como sujeito que pode edificar a si mesmo. Por outro lado, se nos deparamos com as inúmeras abordagens educacionais hoje amplamente difundidas, todas elas estão pautadas numa delimitação objetiva e o espaço à indagação sobre a natureza do sujeito da educação, o próprio sujeito humano parece ser secundária. Outrossim, são as disfunções de aprendizagem, ou a visão excessivamente sintomática do sujeito humano, sem uma visão de sua específica natureza que parece ter domínio sobre as reflexões na Educação.

Margherita Carotenuto em seu *Paideia ôntica (2024)* afirma a necessidade de trazer-se à pauta das questões educacionais na contemporaneidade duas premissas reflexivas: a) a confusão existe acerca do próprio estatuto científico da Educação, uma vez que as inúmeras doutrinas e escolas pedagógicas divergem sobre elemento como o próprio objeto investigativo e interventivo e; b) a ausência de uma visão de homem que oriente a própria prática pedagógica.

Para além de alta constatação, em grande parte identifica-se que muitas perspectivas atuais sobre a educação não possuem a força de fundamento baseada na tradição. Antonio Meneghetti atestou tal problemática referindo-se que: “Hoje, perdeu-se a fonte histórica da pedagogia, por exemplo. A grande pedagogia do tempo grego, a grande pedagogia do tempo dos romanos, a grande pedagogia de alguns aspectos da Idade Média. Hoje, todos partem, mais ou menos, de 1500,

com Bacon, e depois se vai adiante com tantos outros” (ABO, 2015, p. 55).

Como possibilidade resolutive a essas questões e como afirmativa de retomada de um ideal de homem baseado em valores aristocratas, isto é, como ideal de uma própria potencialidade do fazer a si mesmo, é que a Pedagogia Ontopsicológica desponta como fonte de reflexão e ação acerca das problemáticas educacionais atuais. Justamente, a força do posicionamento da Pedagogia Ontopsicológica está na unidade entre sua específica visão de homem e, portanto, do que é educar.

Antonio Meneghetti², cientista italiano e fundador da Ontopsicologia, ciência por ele desenvolvida nos anos setenta na Europa, considera a necessidade de uma Pedagogia Ontopsicológica. Antes de defini-la é necessário compreender o que é a própria Ontopsicologia, que em termos gerais pode ser entendida como: a compreensão da lógica, do funcionamento da psique quando age a partir do específico ser individual da pessoa (Meneghetti, 2022). Logo, fazer Ontopsicologia é revisar a própria consciência, como solo da psique, para compreendê-la a partir da própria identidade pessoal.

No que refere-se à Pedagogia Ontopsicológica, Meneghetti (2022, p. 455) esclarece que: “A real novidade da Ontopsicologia, aplicada no campo pedagógico, é a do critério-base de natureza ou Em Si ôntico”. O autor compreendeu que a pessoa humana possui uma estrutura e que, a distinção individual não é dada pelas modalidades da consciência, pelo próprio pensar ou por sua história pessoal, mas mais do que isso, pelo específico Em Si ôntico,

entendido como o núcleo formal que dá a personalidade.

A partir da premissa ontopsicológica, compreende-se que o ato educativo, *educere*, “tirar de dentro para fora” como sugere a própria etimologia latina do termo, consiste em: precisar a individualidade do sujeito a partir do seu próprio Em Si ôntico (Quem é?) e a partir disso, coadjuva-lo a realizar (Como pode viver e agir por como é?). Nesse sentido, salienta o autor que: “Uma vez individuado o Em Si ôntico, caso se consiga fazer uma pedagogia que consinta o desenvolvimento do projeto de natureza, obtém-se, antes de tudo um indivíduo sadio e, depois, capaz de realizar a própria existência de modo criativo” (Meneghetti, 2022, p. 455).

Com o conceito de Em Si ôntico, Meneghetti direciona o olhar sobre a pessoa humana não a partir de categorias universais, mas pela particular situação, concreta e histórica da existência individual. Assim, o pressuposto antropológico dado pela Ontopsicologia não é o de tecer configurações orientadoras sobre o homem em si, mas o perguntar-se pelo “quem” de cada sujeito humano. Uma vez que se compreende que cada pessoa é individuada, isto é, não se divide, pois se afirma como substância ôntica, como “este e não aquele”, então têm-se o critério que permite orientar um direcionar-se, um desenvolver-se pedagogicamente: sanidade, realização e criatividade.

Sanidade, do grego *saos* significa conservar. Assim como existe a necessidade da conservação da ordem biológica do próprio corpo (ex. homeostase) também a vida interior, o constitutivo da pessoa, deve ser um progressivo desenvolver-se. Nesse sentido, sanidade é, antes de tudo, ter a capacidade de

² 1936-2013.

desenvolver-se como pessoa segundo o próprio e específico potencial de natureza. Já Aristóteles, em sua *Metafísica* (2015) compreendeu que o sujeito humano está tensionado entre a sua potência (capacidade de desenvolver-se), que é virtualidade (a partir da própria identidade) e a sua dimensão ato, o seu realizar-se. Nessa tensão está situada a existência humana, e, nesse sentido, sanidade é poder ser o que se é.

Realização é um conceito amplamente tematizado a partir do advento da Psicologia Humanista nos anos cinquenta e sessenta. Abraham Maslow³ falou de “autorrealização” justamente para sustentar que realização é sempre realizar-se, e isso se dá a partir de si mesmo. Carl Rogers⁴, por sua vez, tratou da “tendência atualizante”, isto é, a capacidade de tender-se em movimento contínuo, no sentido de que a educação deve favorecer o tornar-se como possibilidade. Rollo May⁵ considerou que a realização está situada na coragem para ser quem se é.

A realização a partir da perspectiva ontopsicológica possui uma dimensão ontológica, isto é, o sujeito realiza-se quando faz autóctise histórica, isto é, quando torna concretado histórica o próprio existir, portanto, trata-se de um autopor-se em progressiva ação a partir da própria realidade ôntica, isto é, do seu específico ser.

É basilar, a partir de tal preceito filosófico, que toda formação dê espaço à realização da pessoa, ainda que em infante idade. Realização, nesse sentido, é um elemento que deve acompanhar a pessoa em seu progressivo tornar-se, uma vez que a criança, na pedagogia ontopsicológica é

entendida como “fenomenologia do a espírito e autóctise histórica” (Meneghetti, 2022, p. 456), ou seja, como manifestação da vida individuada, do ser, e que está num progressivo tornar-se.

De um ponto de vista crítico, os sistemas educativos impõem o exercício da lei e a formatação dos modos heterogêneos de viver, por outro lado, o progressivo desenvolvimento do humano é um fator que não se dá por experiência homogênea, natural. Para Meneghetti: “O mais significativo é que cada criança aprende *ex-novo* a sua corporeidade mundana de modo profundo, sem nenhum mestre externo que lhe ensine” (Meneghetti, 2022, p. 457).

A partir desse preceito crítico, compreende-se que não se educa sem o espaço da disponibilidade para a realização, para a manifestação individual do educando, o que direciona o agir pedagógico para o próprio núcleo do Humanismo na vivência do valor da dignidade da pessoa enquanto agente e responsável pelo próprio tornar-se. Assim, entende-se com o autor que: “A essência da pedagogia ontopsicológica é relativizar o mundo à fenomenologia do espírito”. A relativização, em termos práticos, é uma customização, um direcionar-se do educar para a individuação do educando.

O ideal humanista de educação, presente na transição da Idade Média para a Idade Moderna, recuperou o ideal grego de *paideia*. Carotenuto (2024, p. 111) sustenta que: “No conceito de *paideia* clássica existe essa intuição que não deve dar ao homem ‘uma’ forma, mas a ‘sua’ forma e, se na cultura clássica a natural aristocracia da alma foi confundida com a aristocracia econômica-política, o Renascimento retoma o

³ 1908-1970.

⁴ 1902-1987.

⁵ 1909-1994.

conceito de aristocracia da natureza e do mérito”. Nesse sentido, fica visível que a Pedagogia Ontopsicológica retoma esse ideal uma vez que compreende a educação como o fator decisivo para que o sujeito aprenda a construir-se por si próprio e associar à sua vida as condições que o tornem virtuoso em tal propósito, isto é, faça por quanto é e nisso descubra o próprio valor do existir.

Desde a infância identificam-se tantas problemáticas as quais colocam já o sujeito humano numa posição de abertura, isto é, não resolução total de si mesmo, porquanto as condições familiares, sociais e formação da personalidade em acontecimento sugerem um ser conforme o já estabelecido exteriormente. Assim, convém retomar uma definição substancial de homem dada por Meneghetti (2015, p. 13) em seu primeiro livro publicado *Ontopsicologia do Homem*⁶: “O homem é um problemático aberto cuja solução fica em dependência de um valor a realizar”. Com isso, tem-se por assegurado o fato de que a realização está na dependência do próprio sujeito, que é portanto solução existencial para si próprio.

A função responsabilizadora da educação é assim retomada pelo preceito humanista de fundo na Pedagogia Ontopsicológica. A capacidade de responder, a capacidade do ato responsável não se aplica somente ao âmbito jurídico (imputabilidade), mas faz sentido também em âmbito existencial, sendo decorrente dessa última instância a sua significação na educação. Em sentido profundo, a responsabilidade abre a categoria filosófica da responsividade, e tantos são os

pressupostos pelos quais o sujeito humano é convocado à responsividade, que é um preceito ético.

Ainda mais, para Meneghetti (2022, p. 462): “A responsabilidade nasce de um determinismo derivante do indivíduo situado em ambiente”. Nesse sentido, a capacidade da responsabilidade está em saber-se a si mesmo diante das situações, portanto, trata-se de uma ética da situação⁷. O olhar atento e as vivências constituídas no presente, são exigências de uma educação humanista, que educa o homem não somente a partir de categorias universais, mas também o educa para responder o que vida em sua concretude dele exige, num dado momento específico, que é sempre um agora: assim, seria a capacidade de saber a si mesmo diante da diversidade do mundo, da oferta de informações e de tantos desafios, isto é, como educar um sujeito a saber a si mesmo. Por fim, trata-se de compreender que: “Ser responsável, portanto, não uma escolha, mas um fato ineliminável a partir do momento em que se existe onde um evento intervém” (Meneghetti, 2022, p. 462).

Em relação à *realização*, compreende-se que, a partir da Pedagogia Ontopsicológica, significa ainda um agir em caráter *teleológico*: a partir da causa agente chega-se à causa final. Teleológica é toda a ação a qual o quanto é feito no presente destina-se a ter resultados no futuro, de modo que uma causa intensifica a outra. Nesse sentido, o agir pedagógico destina-se à realização, que tem por causa agente o próprio sujeito em sua intrínseca identidade, por como ele é, e, portanto, a

⁶ O referido texto está presente no livro: Filosofia Ontopsicológica, primeira parte. Cf. MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

⁷ O tema é explorado pelo autor em: MENEGHETTI, Antonio. **O existir ético do homem**. In: Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022. p. 475-481.

pedagogia deve ser um impulso para que a criança conheça a si própria e possa atual o próprio potencial.

Quando o sujeito histórico conhece a si próprio e age em conformidade a isso ele possui o que em Ontopsicologia chama-se de *consciência ôntica*. Todo o processo educacional age sobre a consciência, nesse sentido, a pedagogia deve favorecer a consciência ôntica, o pensar, o agir, o ser, o viver a partir do quanto se é. Para Meneghetti (2022, p. 460): “Quando se fala de pedagogia, deve-se entender um crescimento ordenado a um próprio fim: a consciência ôntica, que constitui agente do próprio devir histórico”. A noção de consciência ôntica difere-se do entendimento comum da “consciência psicológica”, portanto, trata-se de uma posição da consciência da qual o sujeito exercita o próprio eu não a partir da estrutura aprendida em bases heterogêneas, mas que confrontou, examinou e criticamente revisou os próprios parâmetros em conformidade ao próprio critério, que é a identidade pessoal enquanto Em Si ôntico.

Por fim, abre-se a dimensão da *criatividade*. Somente tendo confrontado o próprio eu à própria identidade mediante uma pedagogia ocasional à evolução progressiva pode-se pensar uma existência onde cada ação individual resulta em ato criativo. Hodiernamente o tema da criatividade aparece com estima por parte de muitas áreas que pensam o humano, no que se refere à nossa perspectiva em questão, a criatividade não é mediada somente pelo elemento da ação, mas junto com a própria ação é um derivante de uma posição psíquica da própria personalidade, uma dinâmica.

Para Meneghetti (2022), a pedagogia como instrumento de ocasião para o tornar-se do sujeito faz com que ele tenda para dinâmica já prevista pela lógica de natureza da própria vida, por ele denominada de: “Saúde para a criatividade”. Acerca disso afirma: “A constante de relação entre Em Si e Eu determina, inevitavelmente, a sanidade e o crescimento, a partir do momento em que o primeiro, nascente perene, pulsa vida e o seguinte a torna história” (Meneghetti, 2022, p. 149). Portanto, trata-se de viver a dimensão do eu, que age, em sintonia com a pulsão de vida dada pela própria identidade, Em Si ôntico.

A dimensão da criatividade pressupõe não um conjunto de técnicas ensinadas e apreendidas pelo sujeito, mas antes disso, uma disposição como modo ôntico da consciência. Se como fora visto o Em Si determina-se na novidade de cada situação, é respondendo às situações da vida que o sujeito aprende a ser criativo, pela novidade própria que ele é. Por “nascimento perene” entende-se que a identidade se manifesta como vida propulsora de novos quereres, de novas realidades objetais às quais chamam o sujeito a uma posição nova de si mesmo diante da variedade de situações que se apresentam.

Para Meneghetti (2018, p.72) criar: “[...] significa elaborar algo com uma novidade eficiente, ou como estética ou como função”, ainda mais, trata-se de “[...] produzir algo do nada de si mesmo. Construir uma solução positiva não prevista pelas premissas vistas segundo a lógica corrente”. Assim, o ato criativo está na disposição de ocasionar algo onde o mesmo não existe, não simplesmente algo para ser fruído, mas algo que possa ser função, respostas, solução.

Uma pedagogia da criatividade pressupõe esse contato com o sujeito e, depois, um contato dele para com ele próprio, pois é a partir da própria realidade única que se é que se pode descobrir e fazer surgir o novo, isto é, como já referido, o novo é derivante do *ex novo*, da própria novidade da vida que é cada pessoa. Em tal perspectiva, compreende-se que a criatividade é sempre relativa ao modo pelo qual a pessoa é, às suas características e à sua própria identidade. Partindo dessa lógica, infere-se que quem não se conhece reproduz a vida, e quem se conhece cria a vida.

Nosso autor ainda fala sobre a “tríade dialética da criatividade” (Meneghetti, 2018, p. 76), composta pela seguinte lógica: a) situação problemática; b) competência técnico-racional do sujeito; c) aplicação de um novo modo de racionalidade à situação problemática através da competência do sujeito operador. Nesse tríplice movimento, o ponto fundamental é a capacidade de olhar para a situação que se apresenta tendo como critério a si próprio e depois agindo sobre tal realidade igualmente tendo como critério a si próprio.

A Pedagogia Ontopsicológica desponta ante as discussões acerca da educação fazendo o apelo a uma educação baseada na pessoa, como identidade e individualidade. Nesse sentido, os elementos constituintes do educar favorecem o manifestar-se do sujeito como ocasião de vida, de distinção diante da heterogeneidade imposta e como premissa para uma personalidade autenticada.

Toda ação pedagógica se desenvolve em torno de uma visão de homem que se tem por base, em nossa perspectiva, trata-se da visão de que o homem é único pelo quanto se sabe e tem poder de ação pelo quanto é, assumindo

para a própria existência a dialética entre ser, saber e fazer, pressuposto a um ideal de educação humanista. Portanto, diante de tantas variáveis onde a própria visão de homem é um elemento disperso, é necessário recuperar um ideal de ciência educativa que se funde numa visão de homem, para que assim, a própria pedagogia, como pensada pelos pais gregos tenha força para ser referência e alternativa ao proceder do acontecer do homem contemporâneo diluído em tantas urgências do nosso presente.

Referências

ARISTÓTELES. **A Metafísica**. Tradução de Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2015.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Coleção Clássicos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Criatividade e Sensibilidade Estética**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.